

# NARRATIVAS NO ENSINO SUPERIOR EM MÚSICA: RELIGIOSIDADE E ESPIRITUALIDADE

*André Müller Reck*  
UNIPAMPA  
[andremreck@hotmail.com](mailto:andremreck@hotmail.com)

*Ana Lúcia Louro*  
UFSM  
[analock@hotmail.com](mailto:analock@hotmail.com)

**Resumo:** O presente texto trata do recorte de uma pesquisa de doutorado desenvolvida no Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de Santa Maria, e que procurou compreender as relações entre as experiências cotidianas e o processo formativo no ensino superior em música. Tais formulações foram pensadas tomando como base a sociologia das ausências e a sociologia da educação musical, mais especificamente as linhas que se aproximam das teorias do cotidiano no ensino de música. A pesquisa foi produzida a partir de uma abordagem (auto)biográfica, dentro do contexto de uma DCG (Disciplina Complementar de Graduação) ofertada no segundo semestre de 2015 no curso de música da UFSM, tomando como modo de produção de dados diferentes entradas como a escrita de diários de aula, relatos autobiográficos (orais e escritos) e entrevistas individuais. Tal metodologia, entendida numa perspectiva qualitativa, faz parte do quadro teórico-metodológico discutido no campo das pesquisas (auto)biográficas na medida em que toma por objeto de estudo a gênese individual do social nos processos de biografização. No recorte aqui proposto são abordadas as narrativas produzidas pelos participantes da DCG a partir das memórias e experiências religiosas/espirituais. A seguir propõe-se um olhar sobre quais as relações possíveis entre essas experiências cotidianas e o ensino superior em música, e por fim alguns encaminhamentos e possíveis contribuições da pesquisa.

**Palavras chave:** ensino superior em música, música e cotidiano, religiosidade/espiritualidade

## Introdução

O presente texto trata do recorte de uma pesquisa de doutorado, desenvolvida no Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de Santa Maria (PPGE/UFSM). O argumento central da tese é de que as experiências cotidianas podem ser

(re)significadas no ensino superior em música, decorrendo daí uma análise mais aprofundada em relação às experiências produzidas na dimensão da religiosidade/espiritualidade, e quais suas possíveis conexões com o processo formativo. Tais formulações foram pensadas tomando como base a sociologia das ausências (SANTOS, 2006; 2011), que prevê a ecologia dos saberes como possibilidade de realização na contemporaneidade, e a sociologia da educação musical (GREEN, 1997; SOUZA, 2013), mais especificamente as linhas que se aproximam das teorias do cotidiano no ensino superior em música (SOUZA, 2000; 2008; 2013; LOURO; SOUZA, 2013).

Por sua vez, a ênfase nas narrativas religiosas advém de uma perspectiva em educação musical que tem tomado como campo de investigação as relações produzidas no âmbito da religiosidade e que envolvam a música (TORRES, 2004; LOURO *et al*, 2011; 2016; RECK 2011; 2014; RECK; LOURO; RAPÔSO, 2014; LORENZETTI, 2015). Tal linha de pesquisa tem crescido substancialmente nos últimos anos, como pode ser percebido a partir de publicações em congressos na área de educação musical (LORENZETTI, 2013; SOUZA; LIMA, 2013; RECK; LOURO 2013; 2015; FREITAS, 2015; NOVO; RIBAS, 2015).

A pesquisa aqui relatada foi produzida a partir de uma abordagem (auto)biográfica, dentro do contexto de uma DCG (Disciplina Complementar de Graduação) ofertada no segundo semestre de 2015 no curso de música da UFSM, tomando como modo de produção de dados diferentes entradas como a escrita de 11 diários de aula, 37 relatos autobiográficos (orais e escritos) e 8 entrevistas individuais. Tal metodologia, entendida numa perspectiva qualitativa, faz parte do quadro teórico-metodológico discutido no campo das pesquisas (auto)biográficas (BOLIVAR, 2012a. 2012b; ABRAHÃO, 2004; ABRAHÃO; PASSEGGI, 2012; PASSEGI; ABRAHÃO, 2012) na medida em que toma por objeto de estudo a gênese individual do social nos processos de biografização (DELORY-MOMBERGER, 2012).

Apresentamos a seguir uma síntese de algumas reflexões desenvolvidas no capítulo da tese intitulado: “Narrativas de si: música, religiosidade e espiritualidade”. Nesse capítulo foram abordadas as narrativas produzidas pelos participantes da DCG a partir das memórias e experiências religiosas/espirituais, e suas possíveis relação com o ensino superior em música.

## Vivências e memórias religiosas

Nas narrativas produzidas durante a DCG<sup>1</sup>, foram relatadas diferentes vivências religiosas no cotidiano, que se configuram a partir da escuta das músicas que acompanham as cerimônias e ritos, e também nas práticas musicais desenvolvidas em grupos de louvor, coros, missas e cultos. Inserem-se ainda nessas narrativas as escutas e práticas musicais produzidas em culturas religiosas não institucionalizadas, como o rastafári, ou algumas filosofias humanistas mais espiritualizadas. Isso se reflete, por exemplo, no depoimento de Fernando: “nunca tive um contato musical religioso propriamente dito. Porém a espiritualidade sempre andou junto com a música que eu gosto de tocar” (Fernando, relato escrito).

Os relatos sobre as vivências religiosas foram registrados principalmente na esfera do cristianismo, e muitas vezes se reportavam à infância e a influência familiar. A ida às missas, a escola confessional, o canto congregacional, a catequese e a crisma, por exemplo, foram muitas vezes descritas como lembranças no âmbito do catolicismo. Tiago e Ricardo, por exemplo, descrevem que frequentavam esses ambientes por certa determinação da família:

porque minha mãe é bastante católica, meu pai também, e a família, e eu fiz toda a parte que as crianças fazem na religião, fiz catequese com sei lá 8, 9 anos de idade e fiz crisma, nunca fui feliz fazendo, sabe.. (Ricardo, entrevista).

é que eu ia para igreja dos meus pais, quando eu era pequeno, e eu acho que quando a gente é criança a gente não entende muito certo as coisas, o que tá acontecendo e tal, acaba não dando muita importância como dá hoje, isso é óbvio... até cheguei a dizer pra minha mãe quando eu era pequeno, porque eu não gostava de ir na missa domingo (Tiago, entrevista).

Outras vezes as lembranças religiosas podem estar ligadas à vivência escolar, principalmente se observamos a incidência de escolas confessionais no Brasil. Henrique, por exemplo, conta que estudou numa escola salesiana, de origem católica, de maneira que “meu contato com a religião é que todas as manhãs antes de começar a aula, antes de bater o sinal, a

---

<sup>1</sup> A pesquisa contou com a colaboração de 10 participantes da DCG, descritos aqui com nomes fictícios: Eduardo, Carla, Gabriela, Rafael e Henrique (curso de Licenciatura em música); Fernando, Carlos e Ricardo (curso de Música e Tecnologia); Tiago e Juliane (curso de bacharelado em violão e canto, respectivamente)

gente rezava o pai nosso e o ave Maria” (Henrique, entrevista). Assim, frequentar a igreja católica e participar de suas práticas (catequese, crisma, escola confessional), pode ser narrado por diferentes prismas, nem sempre marcado por uma tradição determinante.

O meio evangélico<sup>2</sup> também produziu narrativas sobre as vivências religiosas, principalmente nos relatos de Carla e Juliane, ambas filhas de pastores evangélicos. Esses relatos, entretanto, não sugerem uma continuidade natural entre frequentar os cultos e se tornar um adepto. Pelo contrário, mobilizam diferentes inserções no ambiente em questão. Carla conta que num primeiro momento ia à igreja por influência da família, e que só com o decorrer do tempo passou a compreender alguns sentidos dessa experiência:

desde criança, na realidade como eu tenho dois irmãos mais velhos, eu era a mais nova, e daí a gente geralmente tem o costume de os pais levarem né, levam e a criança vai indo ,vai indo... mas na realidade eu fui entender bem depois, assim, já na adolescência o porquê de estar ali (Carla, entrevista).

Já o relato de Eduardo é marcado pela pluralidade religiosa, quando diz que “eu mesmo sou católico, mas hoje eu gosto mais da palavra evangélica, dependendo de quem a pregue”, e ressalva: “dependendo de quem a pregue” (entrevista). Ele também relata que já frequentou alguns centros espíritas, “de umbanda e tudo mais” (idem).

Algumas dessas relações são sugeridas em seus escritos: “Venho de família católica não praticante e ao mesmo tempo um certo convívio com a religião umbandista, pois uma tia avó tinha um centro de umbanda”, e segue, “mas minha avó era muito temente a Deus e sempre estava com orações a ensinar para mim e os outros netos e filhos (Eduardo, relato escrito). Algumas dessas orações, manuscritas e passadas pela avó, são guardadas por Eduardo: “até hoje eu tenho uns negócios dela na carteira ainda, sabe” (relato em grupo 1). Tal pluralidade já tem sido apontada como fator complexo na questão religiosa no Brasil, especialmente quando “se observa que as pessoas se consideram católicas como uma denominação ampla, mas frequentam centros espíritas, candomblé e os outros cultos simultaneamente” (MARQUES; AGUIAR, 2014, p.117).

---

<sup>2</sup> Uma caracterização do complexo cenário evangélico no Brasil é descrita por Cunha (2004), que destaca o protestantismo histórico de migração, o protestantismo de missão, e as ondas pentecostais e neopentecostais.

Outros relatos, como o de Ricardo e Fernando, apontam para algumas experiências relacionadas aos festivais de música<sup>3</sup>, que promovem encontros entre pessoas dispostas a compartilhar e pensar modos de vida alternativos à sociedade capitalista: “é bastante religioso, espiritual, é um lugar onde tu vê que as pessoas, sei lá cara, é tudo mais puro lá parece, o relacionamento entre as pessoas é muito mais tranquilo assim, e é bastante importante pra mim” (Ricardo, entrevista).

### Práticas musicais no cotidiano religioso

Certamente que essa diversidade de vivências religiosas produz também diferentes práticas musicais, e apresentam uma gama de situações que envolvem diferentes modos de escutar e produzir música. Algumas dessas relações foram descritas pelas músicas que são celebradas nas missas católicas e nos cultos evangélicos, pelas músicas compartilhadas em família e entre amigos, pelas músicas que escutamos enquanto estamos sozinhos, enfim, pelas músicas que mobilizam certos sentidos sobre a vida.

Para Henrique, escutar reggae pode ser descrito como uma prática religiosa. Ele conta sobre o ano de 2010 quando conheceu a banda carioca Ponto de Equilíbrio: “sem querer acabei conhecendo, comecei a ouvir, e até então gostei, decorei um CD depois decorei outro CD” (entrevista). Em certo momento, enquanto viajava de São Paulo a Santos, Henrique se deu conta do caráter religioso da banda: “eu estava ouvindo assim e me deu uma reflexão, eu falei ‘poxa, essas músicas aqui tudo são um culto’”. Mais tarde, ainda em São Paulo, ele teve a oportunidade de assistir a um show da banda, onde pôde compreender melhor alguns significados religiosos que envolviam aquela prática musical:

---

<sup>3</sup>Como um exemplo possível desses festivais destacamos o *Psicodália*, que em 2017 chegou a sua 20ª edição, e é um evento multicultural que tem se caracterizado como um encontro para pensar e compartilhar modos de viver, enfatizando uma relação mais profunda com a natureza e o meio ambiente. Conforme Bomfim (2015) o festival procura “estabelecer alternativas ao mainstream musical, um maior contato com a natureza, relações mais ecológicas, mais humanitárias, relações de não violência, não consumismo e uma proximidade com culturas e filosofias orientais” (p.53).

e vi no show vários momentos de culto, de reza (...) até no início do show demorou 10 minutos pro vocalista entrar (...) eu ouvi falar que dentro do camarim da banda ficam outros religiosos junto com eles, fazendo essa cerimônia até a hora de entrada no palco (...) foi ai que eu me liguei que meu contato com a música religiosa de alguma forma, do reggae né, do rastafári ali, foi o que eu mais tive contato assim de gostar e apreciar (Henrique, entrevista).

No relato de Ricardo, destaca-se um modo de escuta musical que promove algum tipo de olhar para si e sua relação com o mundo. Esse momento é descrito quando ele coloca o álbum *Dark Side of The Moon*, da banda inglesa Pink Floyd, e se envolve num projeto de (auto)conhecimento: “sempre que estou em um momento ruim, seja cansado, estressado ou o que quer que seja, costumo deitar em um local confortável com um bom fone de ouvido e colocar esse álbum para tocar, é incrível como em alguns poucos minutos eu saio da realidade, parece que entro em sintonia com as canções” (relato escrito). Ricardo diz que não sabe explicar exatamente, mas cada vez que faz essa experiência “o sentimento que acontece é único, mas sempre muito bom” (idem). Embora todas ligadas à religiosidade/espiritualidade, essas escutas musicais são múltiplas e representam diferentes modos de conhecer o mundo. Nesse sentido, talvez não seja possível dizer que exista um modo de escuta musical religioso, ou algum tipo de dimensão religiosa da escuta musical, mas sim diferentes maneiras de compreender a música, em suas relações com o mundo vivido.

Tiago, Gabriela, Juliane, Carla e Eduardo relataram práticas musicais produzidas no contexto cristão. De fato, essa incidência vai ao encontro de Lorenzetti (2015), quando a autora escreve que “um grande número de estudantes de graduação em música teve sua iniciação musical nas igrejas” (p.15). Tanto no contexto católico como no evangélico, observando as diferenças musicais existentes entre esses ambientes (LORENZETTI, 2015, p.21), foram narradas distintas práticas de se fazer, aprender e ensinar música.

Tiago, por exemplo, conta que participou de vários grupos musicais na igreja católica, experiências que ele considera importantes para seu desenvolvimento musical: “eu comecei a perder a vergonha de tocar porque eu comecei a tocar na missa e num grupo de jovens” (relato em grupo 1). Ao tocar nas missas Tiago diz que compreendeu que tal prática não se tratava

apenas de uma execução musical técnica, de erros e acertos, mas de “contribuir que os outros também possam rezar e cantar, e estar em oração” (Tiago, entrevista). Essa concepção é partilhada por Lorenzetti (2012), quando a autora assinala que a missa “não permite show, não possibilita aplausos para a execução musical no ato litúrgico, e canto e oração dificilmente são desassociados” (p.12).

Gabriela, por sua vez, conta que a igreja foi o pontapé inicial para que ela aprendesse música: “quando frequentava a igreja católica, surgiu a oportunidade de eu fazer aulas de teclado para que depois pudesse tocar nas missas. Então aceitei a proposta e fiz durante muito tempo, acredito que uns cinco ou seis anos antes de entrar na graduação, a tal aula” (relato escrito). Mais tarde, quando Gabriela saiu da igreja e passou a estudar o espiritismo, suas práticas musicais também encontraram outros significados: “entendi que a música não era apenas para cumprir um ritual e sim para alegrar as pessoas e elevar sua alma até Deus”. Ela ainda relata que atualmente trabalha com um pequeno coral dentro do ambiente espírita, onde “além de me fazer refletir e entrar em sintonia com Deus, tem me ajudado muito a entender melhor a harmonia, a melodia”(Gabriela, relato escrito).

As práticas musicais narradas por Carla advêm principalmente das experiências em ministérios de louvor evangélicos. A frequência desde muito cedo nos cultos contribuiu para dinamizar essas práticas. Carla conta que, por ser filha do pastor, tinha uma certa liberdade em estar sempre junto nas atividades musicais da igreja, em Fortaleza-CE. Mas sua atividade musical tomou novos rumos quando o pai foi transferido para uma igreja do interior. “Daí meu pai foi transferido pra essa cidade pequena que não tinha ninguém, tinha tipo 5 membros e o pessoal que fazia o louvor tinha saído sabe, a igreja tava toda meio que desestruturada”. Frente a esse desafio Carla assumiu a liderança do grupo de louvor: “então a gente teve que trabalhar, daí meu irmão tocava violão e eu disse - vou cantar né, eu devo saber”.

eu passei muito tempo como líder do ministério de louvor lá, daí quando eu vim pra [nome da cidade] eu também liderei o ministério de louvor e o ministério dos jovens, e agora na igreja que eu estou, como é muito grande e tem muita coisa, eu até acabei me envolvendo com mais coisas que eu poderia, mas atualmente eu estou liderando o coral de jovens né, que tipo foi

uma coisa que eu aprendi também na prática e ainda estou aprendendo, na realidade (Carla, entrevista).

A narrativa de Ricardo, embora não tenha ligação com nenhum ambiente religioso específico, também aponta para práticas musicais circunscritas à religiosidade/espiritualidade. Ele fala sobre reuniões para tocar música entre amigos que compartilham modos de ser em comum, no seu caso, relacionados à cultura do Rock n Roll: às vezes tu tá ali, sei lá, pega um violão, cinco ou seis pessoas ali, fazem uma roda e começam a tocar e todo mundo vê que gosta das mesmas músicas e começa a interagir de uma forma mais profunda através da música (Ricardo, entrevista) Nesse caso, compartilhar sentidos sobre o mundo e sobre a música podem ser considerados significativos enquanto processos existenciais.

### **Entre o cotidiano religioso e a formação superior em música**

A preocupação em considerar as relações entre as práticas no cotidiano religioso e a formação em música já pode ser anunciada no trabalho de Louro et al (2016), que busca “partir das realidades cotidianas dos licenciandos, enquanto pessoas que estão envolvidas com ambientes religiosos”, considerando que este tipo de envolvimento “não é incomum entre professores de música em formação” (p.3). Em linhas gerais, essa perspectiva procura compreender como as experiências produzidas no âmbito da religiosidade/espiritualidade são (re)significados no processo de formação institucional.

Carla relata que nos últimos anos tem percebido uma ênfase do curso de licenciatura em promover diálogos entre o cotidiano e a formação, no sentido “da gente trazer e conversar e dialogar sobre a nossa prática” (entrevista). No caso de Carla, essa prática se dá como regente coral na igreja, acompanhando uma tendência de que “com o grande número de evangélicos no curso, as práticas educativas das pessoas de uma forma ou de outra vão acabar sendo no meio religioso” (idem). Esse diálogo permite que o contexto musical religioso seja visto como

um desses espaços de práticas educativas. Ela conta que numa das aulas teve a oportunidade de falar sobre suas experiências na igreja evangélica:

esses dias eu trouxe uma parte do coral da igreja para uma apresentação, numa disciplina, e eu falei justamente essa questão da gente fazer música e não ser só a música pela música, mas como um meio de adoração a Deus né, (...) e a gente cantou e o pessoal recebeu super bem, a maioria se emocionou muito porque eles próprios falaram assim, que parece que é um *plus* a mais que tem na música sabe, tipo não souberam tipo explicar, ficaram muito tocados (Carla, entrevista).

Os colegas de Carla perceberam que a prática coral em alguns ambientes religiosos pode envolver diferentes modos de atuação como, por exemplo, saber lidar entre a técnica e a emoção: “até um falou assim - realmente às vezes eu queria impor uma regra, uma técnica, exigir algo técnico sem ver o motivo da pessoa estar ali, sem levar isso em consideração” (entrevista). Seu colega compreendeu a necessidade de que algo mais deveria ser levado em consideração nessas atividades, além da execução técnica. Conforme Carla, essa troca “foi muito legal, e alguns não entendem muito ainda né, não veem muito sentido, mas eu vejo que o pessoal tá com a mente muito aberta, e não só os professores, mas como os próprios colegas”.

Ela ainda utiliza suas experiências musicais na igreja como base para reflexões acerca de suas práticas pedagógico-musicais, construindo dilemas sobre suas relações. Seu relato remete a uma situação em que regia o coral da igreja durante um congresso, quando “o pessoal começou a chorar e fechar os olhos”. Naquele momento ela se viu entre a necessidade técnica de reger e a emoção dos participantes: “como acadêmica e com os meus conhecimentos que tinha, eu não podia me envolver tanto, mas se eu não me envolver tanto, tipo, a pessoa vai acabar ficando fria” (Carla, entrevista). Esse dilema produz em Carla a necessidade de problematizar suas práticas enquanto educadora musical: “parecem caminhos que se opõem, mas na realidade se cruzam né; o que acontece é que eu particularmente ainda estou achando como cruzar isso direitinho sabe” (idem).

Gabriela procura estender suas relações entre a licenciatura em música e sua prática religiosa no espiritismo: “futuramente eu pretendo entrar com um projeto de flauta doce e alguma coisa sobre teclado”. Ela já aponta para uma troca entre os conhecimentos produzidos na universidade e no contexto religioso em que atua:

porque não tem assim, pessoas específicas da musica lá, eu sou a única, então eu levo bastante conhecimento, a gente troca bastante coisa também, tem uns alunos que às vezes me ensinam a tocar violão e que até eu vou em casa e dou uma treinadinha, tem também a parte do vocal que eu ajudo na respiração, que eu ajudo na imposição da voz... então assim é mais uma troca sabe, eles me ajudam com a técnica no violão e eu ajudo assim com a voz (Gabriela, entrevista).

Para Ricardo, sua vivência com culturas musicais mais espiritualizadas também informam sobre suas práticas profissionais no curso de Música e Tecnologia. O contato com festivais e bandas lhe proporcionou uma compreensão de que produzir o som de certas bandas envolve especificidades que vão além de um padrão técnico geral: “eu acho que na mixagem tal, na masterização tem isso, tu conhecer a vivência da banda e saber o que eles querem passar pela música deles, não simplesmente usar um bloco pronto”. Muitas vezes é justamente aquilo considerado como ‘fora do padrão’ que torna o som de uma banda significativo, “daí tem que ter um técnico de som maluco que vai lá e deixa dar um pouco de microfonia, coloca um *reverber*, um *delay* maluco (...) pra soar assim” (Ricardo, entrevista).

## Algumas reflexões

De uma forma geral, é possível apreender que as práticas pedagógico-musicais vivenciadas em contextos de religiosidade/espiritualidade são também parte do processo de formação, e que suas relações com o processo institucional são amplas e difusas. A troca de saberes, narrada logo acima por Gabriela entre sua prática religiosa e a licenciatura em música, revela um fluxo dinâmico desse processo, que não é unilateral. Já os relatos de Carla e de

Ricardo apontam para uma relação complexa entre as práticas cotidianas e a formação superior, pois suas experiências exigem uma constante negociação entre elas. Assim, saber lidar entre a técnica e a emoção ao reger um coro, ou entre a qualidade de um som e sua sonoridade característica são, por exemplo, práticas que envolvem esses modos de se relacionar com a música.

Destaca-se, ainda, que as vivências e memórias religiosas/espirituais narradas foram múltiplas e não se limitaram aos espaços religiosos institucionalizados. Também foi possível observar que essas vivências religiosas nem sempre são lineares e homogêneas, e que muitas vezes o pertencimento religioso é constantemente negociado por diferentes entendimentos. As práticas musicais cristãs, por exemplo, embora tenham aparecido como majoritárias, ainda apresentavam profundas diferenças entre si, atravessadas por compreensões teológicas e filosóficas. Levando isso em conta, parece cada vez mais impossível a generalização proposta por termos como 'alunos evangélicos', ou 'alunos católicos'. Além do mais, a discussão conceitual de religiosidade/espiritualidade permite uma ampliação na compreensão das experiências musicais nesse âmbito, incluindo na análise relações produzidas em festivais de música e encontros entre amigos, assim como escutas musicais que, de uma forma ou de outra, tocam nos fios sobre os sentidos da existência humana.

Nesse sentido, talvez uma possível contribuição dessa pesquisa esteja em propor uma análise mais aprofundada sobre os significados religiosos/espirituais no ensino superior. Não se trata, portanto, de ser a favor ou contra, de aceitar ou não esses significados. Mas de situá-los como elementos biográficos que são inseparáveis do processo de se formar músico, ou professor de música. Esses significados estão ali, e mais: não se resumem ao contexto das religiões institucionalizadas, mas também nos sentidos sobre a maneira de compreender e de se narrar enquanto sujeito. O aprofundamento dessas questões parece indicar que tocar um louvor, uma missa, uma canção nativista ou um Pink Floyd, são todas elas práticas que envolvem, cada uma a sua maneira, propósitos sobre estar no mundo e versam sobre o sentido da vida e da morte.

## Referências

ABRAHÃO, Maria H. Menna Barreto. (org.) *Aventura (auto)biográfica: teoria e empiria*. Porto Alegre:EDIPUCRS, 2004

ABRAHÃO, Maria H. Menna Barreto, PASSEGGI, Maria da Conceição (org.). *Dimensões epistemológicas e metodologias da pesquisa (auto)biográfica*: Tomo II. Natal:EDUFRN; Porto Alegre:EDIPUCRS; Salvador:EDUNEB, 321p, 2012.

BOLÍVAR, Antonio. Dimensiones epistemológicas y metodológicas de la investigación (auto)biográfica. In: ABRAHÃO, Maria Helena. PASSEGGI, Maria da Conceição (orgs) *Dimensões epistemológicas e metodológicas da pesquisa (auto)biográfica*: Tomo I. Natal:EDUFRN; Porto Alegre:EDIPUCRS; Salvador:EDUNEB, 2012a, pgs. 27-70.

\_\_\_\_\_. Metodologia de la investigación biográfico-narrativa: recogida y análisis de datos. In: PASSEGGI, Maria da Conceição; ABRAHÃO, Maria Helena (orgs). *Dimensões epistemológicas e metodológicas da pesquisa (auto)biográfica*: tomo II. Natal:EDUFRN; Porto Alegre:EDIPUCRS; Salvador:EDUNEB, 2012b, p. 79-109.

BOMFIM, Leonardo Corrêa. O sonho acabou? O Festival Psicodália: uma retomada contracultural. In: VII Encontro Nacional da Associação Brasileira de Etnomusicologia, 2015, Florianópolis/SC. Anais... UFSC:Florianópolis, 2015, p.53-65.

CUNHA, Magali do Nascimento. *Vinho novo em odres velhos*: um olhar comunicacional sobre a explosão gospel no cenário religioso evangélico no Brasil. Tese de Doutorado, USP, São Paulo/SP, 2004.

DELORY-MOMBERGER, Christine. A pesquisa biográfica: projeto epistemológico e perspectivas metodológicas. In: ABRAHÃO, Maria Helena. PASSEGGI, Maria da Conceição (orgs) *Dimensões epistemológicas e metodológicas da pesquisa (auto)biográfica*: Tomo I. Natal:EDUFRN; Porto Alegre:EDIPUCRS, 2012, p.71-94.

FREITAS, Marcus Vinícius de. Os diferentes perfis de liderança musical em vinte igrejas evangélicas e suas funções. In: XXII Congresso Nacional da Associação Brasileira de Educação Musical, 2015, Natal/RN. Anais...Abem: Natal, 2015, p.1-12.

GREEN, Lucy. Pesquisa em Sociologia da Educação Musical. *Revista da ABEM*, Porto Alegre, v. 4, p. 25-35, set. 1997.

LORENZETTI, Michelle Arype Girardi. A Igreja Católica como espaço de educação musical: aulas de canto em um grupo de jovens. In: XXI Congresso Nacional da Associação Brasileira de Educação Musical, 2013, Pirenópolis. Anais... Abem: Pirenópolis, 2013, p.199-208.

\_\_\_\_\_. *Aprender e ensinar música na Igreja Católica: um estudo de caso em Porto Alegre/RS*. Dissertação de Mestrado, PPGMUS/UFRGS, 2015.

LOURO, Ana Lúcia; RECK, André; OLIVEIRA, Fernanda de Assis; ZACARIAS, Luis Felipe Camargo. Olhando para aprendizagens informais em música: algumas experiências junto a movimentos da Igreja Católica. In: XIV Encontro regional da Abem Sul, 2011, Maringá. *Anais... XIV Encontro regional da Abem Sul*. Maringá: UEM, 2011, p. 215-224.

LOURO, Ana Lúcia; RECK, André M; FREITAS, Maryanna; CORDEIRO, Laura. Formação de professores de música: diários de aula em ambientes religiosos cristãos. In: XVII Encontro Regional da ABEM Sul, 2016, Curitiba, *Anais... Abem:Curitiba*, 2016, p.1-12

LOURO, Ana Lúcia; SOUZA, Jusamara. (Org.). *Educação musical, cotidiano e ensino superior*. Porto Alegre: Tomo Editorial, 2013 (Série Educação Musical e Cotidiano, v.2).

MARQUES, Luciana Fernandes; AGUIAR, Ana Paula Arruda. Instrumentos de mensuração da religiosidade/espiritualidade (R/E) e seus construtos. *Revista Pistis & Praxis*, Curitiba, v. 6, n. 1, p. 107-126, jan./abr. 2014.

NOVO, José Alessandro. RIBAS, Maria Guiomar. Música no campo religioso: um estudo sobre formação musical na Primeira Igreja Presbiteriana de João Pessoa. In: XXII Congresso Nacional da Associação Brasileira de Educação Musical, 2015, Natal/RN. *Anais...Abem: Natal*, 2015, p.1-13.

PASSEGGI, Maria da Conceição; ABRAHÃO, Maria Helena (orgs). *Dimensões epistemológicas e metodológicas da pesquisa (auto)biográfica*: tomo II. Natal:EDUFRN; Porto Alegre:EDIPUCRS; Salvador:EDUNEB, 2012.

RECK, André Müller. *Práticas musicais cotidianas na cultura gospel:Um estudo de caso no ministério de louvor Somos Igreja*. Dissertação de Mestrado. CE/UFSM. Santa Maria, 2011.

\_\_\_\_\_. Identidades musicais na cultura gospel. *Revista da Fundarte*, ano 14 n.27, Editora da Fundarte:Montenegro, jan/jun 2014, p.150-165.

RECK, André M. LOURO, Ana Lúcia. A construção de identidades musicais em contextos religiosos: a cultura gospel. In: XXI Congresso Nacional da Associação Brasileira de Educação Musical, 2013, Pirenópolis. *Anais...Abem: Pirenópolis*, 2013 p.49-60.

\_\_\_\_\_. Narrativas religiosas de licenciandos em musica: aproximações com o mundo vivido no processo formativo. In: XXII Congresso Nacional da Associação Brasileira de Educação Musical, 2015, Natal/RN. *Anais...Abem: Natal*, 2015, p.1-12.

RECK, André Müller. LOURO, Ana Lúcia. RAPÔSO, Mariane Martins. Práticas de educação musical em contextos religiosos: narrativas de licenciandos a partir de diários de aula. *Revista da ABEM*, Londrina, v.22, n.33, pág.121-136, jul/dez 2014.

SANTOS, Boaventura de Souza. Para uma sociologia das ausências e uma sociologia das emergências. In: SANTOS, Boaventura de Souza (org.) *Conhecimento prudente para uma vida decente: um discurso sobre as ciências revisitado*. 2 ed. São Paulo: Cortez, 2006, p.777-821.

\_\_\_\_\_. *Renovar a teoria crítica e reinventar a emancipação social*. 1ª ed. rev. Trad. Mouzar Benedito. São Paulo: Boitempo, 2011.

SOUZA, Jusamara. *Música, cotidiano e educação*. Porto Alegre: PPGMUS/UFRGS, 2000.

\_\_\_\_\_ (org.) *Aprender e ensinar música no cotidiano*. Porto Alegre: Sulinas, 2008.

\_\_\_\_\_ Cotidiano, sociologia e educação musical: experiências no Ensino Superior de Música. In: LOURO, Ana Lúcia; SOUZA, Jusamara. (Org.) *Educação musical, cotidiano e ensino superior*. Porto Alegre: Tomo Editorial, 2013, v. 1, p. 11-29.

SOUZA, Priscila Gomes; LIMA, Agostinho Jorge de Lima. A Formação em Música na IEARDERN – Templo Central. In: XXI Congresso Nacional da Associação Brasileira de Educação Musical, 2013, Pirenópolis. *Anais...* Abem: Pirenópolis, 2013.

TORRES, Maria Cecília de Araújo Rodrigues. Entrelaçamentos de lembranças musicais e religiosidade: “quando soube que cantar era rezar duas vezes...”. *Revista da ABEM*. Porto Alegre, v. 11, 63-68, set. 2004.